

NOGUEIRA, CONCEIÇÃO.  
ANÁLISE DO DISCURSO. *IV*:  
ALMEIDA, LEANDRO S.; FERNANDES, EUGÉNIA M. (ED.).  
MÉTODOS E TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO: CONTRIBUTOS  
PARA A PRÁTICA E INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICAS.  
BRAGA: UNIVERSIDADE DO MINHO; CEEP, 2001.

Lucas Lira de Menezes\*

Desde meados do século XIX até os dias atuais, há um constante crescimento da Análise do Discurso nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, enquanto um método escolhido por pesquisadores para o desenvolvimento de estudos que visam a compreender diversos fatores construídos socialmente. É a partir dessa premissa que a professora Dra. Conceição Nogueira escreve a sua obra, buscando auxiliar na delimitação da temática e responder perguntas norteadoras a respeito desse certame, uma vez que, para a autora, a designação do que de fato é a Análise do Discurso deve ir para além do que uma mera alternativa às metodologias tradicionais.

Escrevendo sempre as palavras “Discurso” e “Análise do Discurso” como nomes próprios, a autora evidencia as suas importâncias afirmando que a Análise do Discurso representa um conjunto de abordagens relacionadas ao Discurso que podem acarretar a coleta e análise de dados, além de também acarretar um conjunto de assunções metateóricas e teóricas. Mas, afinal, o que seria de fato uma Análise do Discurso? O que ela produz? A partir de quais vieses teóricos ela pode ou deve ser feita? Como ela deve ser feita? É a partir dessas diversas perguntas sobre essa temática tão popularizada nos dias atuais que a obra da professora se desenrola.

Dividido em três partes, o estudo tem como intuito, primeiramente, desdobrar-se sobre as influências teóricas que rondam o objeto da pesquisa, enquanto a segunda parte se certifica de buscar respostas para as dúvidas supracitadas. Por fim, a terceira parte se encarrega de destrinchar sobre algumas das suas consequências éticas, políticas e práticas, como um tópico de conclusão. Dito

---

\* Docente do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (PPGCP - UFPI).

isso, vale ressaltar que a autora enumera dois fatores específicos, dentre uma gama de razões complexas, para explicar sobre o desenvolvimento e popularidade da Análise do Discurso: (1) a insatisfação com abordagens positivistas e enfraquecimento da sua hegemonia no campo das Ciências Sociais e; (2) por ser um produto da “viragem linguística” na área, sendo consequência do interesse crescente por perspectivas mais críticas.

Portanto, como ponto introdutório para a sua primeira parte do trabalho, Nogueira afirma que, enquanto abordagem metateórica e uma teoria/método para se compreender a Análise do Discurso e o seu posicionamento epistemológico, primeiro se precisa analisar as suas origens teóricas influenciadoras. Dessa forma, essa primeira parte se divide em quatro tópicos, cada um representado por um nome referente às teorias da viragem linguística que influenciaram o desenvolvimento da Análise do Discurso: o pós-modernismo; a Teoria Crítica; a crítica social; o estruturalismo e o pós-estruturalismo.

No primeiro tópico da parte de influências teóricas, Nogueira afirma que o pós-modernismo é um movimento intelectual que se originou nas artes, arquitetura, literatura e estudos culturais, estendendo sua influência às ciências sociais contemporâneas. Em seu âmago, desafia suposições epistemológicas e metodológicas tradicionais, promovendo uma visão relativista e fragmentada do conhecimento. Ao mencionar o filósofo Jean-François Lyotard (1989), em "A Condição Pós-Moderna", destaca que o pós-modernismo rejeita as "grandes narrativas" de legitimação, sugerindo que a validação epistemológica e política deve ser encontrada em Discursos dispersos entre práticas diversas. Essa incredulidade em relação às metanarrativas resulta numa crise na filosofia metafísica, pois a legitimação não pode mais residir em grandes teorias filosóficas.

Portanto a influência dos pós-modernistas na construção da Análise de Discurso que conhecemos se evidencia na crítica aos ideais modernos de ciência, justiça e arte como intrinsecamente políticos e incapazes de se legitimar universalmente, apontando a aliança da filosofia moderna com a objetividade e a independência histórica de suas premissas. Segundo a autora, eles nos levam a reconhecer que as ideias modernas são específicas a um tempo e lugar, carregadas de implicações políticas, como a supremacia ocidental e a legitimidade da ciência. Ainda argumentam que a modernidade, em vez de libertadora, é uma fonte de subjugação e opressão. Ou seja, podemos dizer que o pós-modernismo questiona e rejeita os fundamentos impostos pelo advento da modernidade,

ênfatizando a coexistência de múltiplas formas de vida e a arbitrariedade das convenções, negando a possibilidade de uma verdade única e promovendo a descrença em relação aos pilares que legitimavam a vida social moderna.

Já no que diz respeito ao tópico sobre Teoria Crítica, Nogueira afirma que essa abordagem teórica critica as noções tradicionais de ciência, especialmente o positivismo e a ideia de objetividade científica. Por isso podemos perceber a sua influência na Análise do Discurso, uma vez que, como mencionado anteriormente, a insatisfação com as abordagens positivistas no campo das Ciências Humanas e Sociais é um fator-chave para o desenvolvimento dessa teoria/método em questão.

Ela afirma também que, embasada nos pressupostos supracitados, a Teoria Crítica também questiona as instituições sociais existentes, propondo ações para a libertação social e individual, usando a teoria para desmistificar o mundo social e expor fontes de constrangimento humano. Eles asseguram que interesses políticos e sociais dominantes moldam o desenvolvimento da ciência e tecnologia, questionando sua autonomia e neutralidade. Portanto a abordagem crítica se baseia na reflexividade e autoquestionamento constante, assumindo questões normativas e de valores, visto que muito do que é tido como “fato” socialmente nada mais é do que construção social influenciada por contextos históricos, políticos e culturais.

Por conseguinte, é a partir da Teoria Crítica que surge o terceiro movimento teórico que vai de encontro com as noções de racionalidade e objetividade propostas pelos positivistas e, logo, sendo de extrema importância para a compreensão da emergência do Discurso e da Análise do Discurso: a crítica social. Configurando-se enquanto terceiro tópico dessa primeira parte proposta por Nogueira, para se compreender o movimento crítico social e a sua relação com a Análise do Discurso, faz-se necessário o estudo dos trabalhos do filósofo Michel Foucault (1972; 1979), mais precisamente os seus escritos sobre as relações de poder e saber.

A partir do desafio da noção comum de que o conhecimento aumenta o poder individual, a autora afirma que Foucault (1972; 1979) argumenta que a própria concepção de conhecimento é construída socialmente e rotulada como “verdade”. Assim, o saber está intrinsecamente ligado ao poder, influenciando certas práticas sociais, ao passo que marginaliza outras. Vale ressaltar que, segundo as contribuições foucaultianas a respeito da construção do Discurso,

o poder não é uma posse, mas sim um efeito do Discurso, fruto do saber como uma forma de poder que define e controla comportamentos.

Com efeito, a partir dessa ótica, Foucault (1972; 1979) vai afirmar que o poder da disciplina, manifestado através de práticas institucionais e, logo, culturais, molda o indivíduo na contemporaneidade. Dessa forma, essa concepção de poder nos moldes foucaultianos, promove a automonitorização e o autocontrole, sem necessariamente a utilização da força. Para ilustrar esse pensamento, Foucault (1979) menciona a conceituação do Panóptico, proposto pelo filósofo Jeremy Bentham, que consiste na ideia de os cárceres serem disponibilizados em volta de uma torre de vigia, em que os prisioneiros seriam constantemente monitorados por um supervisor, sem estes a notarem. Consequentemente, acabaria permitindo que os próprios encarcerados se monitorizassem, pois nunca saberiam quando estariam sendo vigiados.

No mais, o movimento crítico social questiona o tradicionalismo científico, apontando que o poder é exercido através do Discurso e não apenas por grupos ou indivíduos que já são poderosos, no caso, permitindo que qualquer pessoa exerça esse poder e potencialmente promova mudanças na sociedade e nas particularidades. Dito isso, reforça-se que essas ideias sobre poder se perpetuam no núcleo da compreensão da Análise do Discurso, na abordagem denominada de Análise Crítica do Discurso, também conhecida como Análise Foucaultiana, que também será abordada mais à frente.

A seguir, ainda dentro da parte de influências teóricas, mas destoando um pouco da linearidade que vinha sendo apresentada pela autora, o próximo tópico se encarrega de fazer distinções a respeito do estruturalismo e do pós-estruturalismo e as suas influências na Análise do Discurso. Para Nogueira, tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo se concentram nas humanidades e na linguística e oferecem compreensões de construções sociais da linguagem, bem como do seu papel na vida social e na psique do indivíduo.

Isso posto, tanto os estruturalistas quanto os pós-estruturalistas concordam que a linguagem é a base da construção da identidade individual e coletiva, ocorrendo nas interações sociais. Assim sendo, a noção do humanismo é rejeitada, uma vez que compreende o “*self*” como coerente e essencial, diferentemente dos teóricos em questão, que veem o *self* como um produtor mutável das interações linguísticas. Ou seja, as identidades como conhecemos são temporárias e variáveis. Dessa forma, ambas as vertentes teóricas advogam pelo

deslocamento do centro da atenção da pessoa individual, pela esfera social, pois, para buscar explicações do funcionamento das sociedades, deve-se voltar a ótica para o espaço linguístico que os indivíduos partilham com as outras pessoas, e não necessariamente para as particularidades dos indivíduos.

Outrossim, a autora afirma que a diferença principal do estruturalismo para o pós-estruturalismo é a noção de que os significados não são fixos, e sim contestáveis e temporários. Ou seja, qualquer forma de linguagem e comunicação, lida, escrita, ouvida, pode sofrer mudanças significativas de interpretações ao longo do tempo, de contexto para contexto e de pessoa para pessoa. No mais, para os pós-estruturalistas, a linguagem é a chave para transformar concepções sociais como o ser mulher, criança ou negro, sempre mostrando que as compreensões do *self* são produtos da linguagem, e não de um reflexo de uma essência interior. Portanto, após o desenvolvimento dessas correntes teóricas, a autora finaliza a primeira parte de forma concisa, deixando claros os pontos mais importantes que embasaram os questionamentos que fizeram surgir a *Análise do Discurso* (e suas ramificações) enquanto uma das teorias/método mais populares no século XXI.

Ademais, agora que temos uma noção das bases teóricas que formularam as conceituações e a emergência da *Análise de Discurso* no campo da Ciências Humanas e Sociais, a segunda parte da obra da professora Nogueira se delimita a responder as perguntas norteadoras ora mencionadas nesta resenha. Dividida em quatro tópicos e um subtópico, questões como o tipo de conhecimento, a linguagem, as definições e diferentes concepções, a condução da pesquisa, como fazer e exemplos de investigações a respeito da *Análise de Discurso* são trabalhadas nessa parte.

Denominada de “O que é a *Análise do Discurso*?”, a segunda parte do escrito de Nogueira se dispõe, primeiramente, a referir os seus pressupostos epistemológicos, perpassando pela sua concepção de “linguagem” e, por fim, os seus diferentes pontos de vista. Sendo assim, o seu primeiro tópico se delimita a discutir que tipo de conhecimento a *Análise do Discurso* produz.

Segundo a autora, a *Análise do Discurso* aborda a questão da linguagem e do conhecimento de maneiras distintas e, por isso, se diferencia do positivismo. Isso ocorre porque, de acordo com o viés positivista, a pesquisa deve ter como objetivo a descoberta de verdades universais através da realização de

métodos estabelecidos e, assim, gerar conhecimento objetivo e apto à generalização. Em contraste com esse pensamento, a autora afirma que a Análise do Discurso considera a noção de conhecimento a partir de interpretações parciais e situacionais, refletindo a visão e os interesses dos pesquisadores. Assim, remetendo aos pressupostos teóricos supracitados, a Análise do Discurso assume que a complexidade e a natureza da dinâmica do mundo em sociedade tornam as previsões difíceis e, por isso, foca na investigação dos significados, ao invés de tentar prever ou controlar eventos, reconhecendo a impossibilidade de uma verdade absoluta e neutra no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, visto que, segundo esse pensamento, a realidade é múltipla e variável.

Dessa maneira, a abordagem epistemológica da Análise do Discurso acaba por enfrentar uma situação de “dupla crise”: de representação e de legitimação. A primeira crise mencionada implica o fato de que os pesquisadores não podem oferecer conhecimento objetivo, mas apenas descrições subjetivas e enviesadas, enquanto a segunda crise acaba por resultar na ausência do estabelecimento de procedimentos que validam o conhecimento obtido, uma vez que a realidade objetiva é inacessível. No entanto a Análise do Discurso permite aos pesquisadores continuar suas investigações sem cair em uma espécie de “anarquia metodológica”, pois, segundo Nogueira, eles podem reconhecer que o conhecimento sempre é influenciado pelo contexto e pela perspectiva dos pesquisadores, não existindo imparcialidade na produção de saber.

Portanto o que se pode compreender, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, é que toda produção científica, no campo das Ciências Humanas e Sociais, vai ser passível de contestação, gerando sempre uma outra versão discutível. Em suma, compreender a Análise do Discurso requer aceitar essas concepções epistemológicas. A propósito, como a linguagem é abordada na Análise do Discurso?

Segundo Nogueira, se baseando em autores como Wittgenstein (1953 *apud* Llombart, 1995), Derrida (*apud* Burr, 1995), Foucault (1972; 1979) e Lyotard (1989), na Análise do Discurso, a linguagem é vista não apenas como um simples reflexo dos estados internos; é também uma força construtiva que molda objetos, sujeitos e a subjetividade. Assim, diferente do explanado na psicologia tradicional, que usa a linguagem para acessar as particularidades do indivíduo através de perguntas diretas, a Análise do Discurso se preocupa em como essa questão específica constrói realidades sociais e interações.

Ainda no campo da linguagem, a autora afirma que, na Análise do Discurso, ela não busca descrever uma realidade exterior concreta, mas é um instrumento de interação que permite que os indivíduos moldem, resistam e modifiquem a realidade. Dessa forma, baseando-se na filosofia de Wittgenstein (1953 *apud* Llombart, 1995) e nas concepções de Derrida (*apud* Burr, 1995), afirma que os textos não possuem um significado único, sendo, assim, abertos a múltiplas interpretações e cruciais para essa perspectiva. Portanto um dos objetivos da Análise do Discurso, no que tange à linguagem, é investigar como ela facilita a emergência de determinados Discursos e molda as interações humanas de maneira dinâmica e situada, sabendo que a mesma é uma ferramenta utilizada para moldar as realidades e verdades.

Por conseguinte, após explicar o tipo de conhecimento e o papel da linguagem em uma Análise de Discurso, Nogueira se atenta a argumentar sobre as diferentes definições e concepções da teoria/método em questão. Segundo a autora, é difícil dar uma definição universal do que seria Discurso e Análise do Discurso, uma vez que diversas áreas de atuação estão cada vez utilizando mais esses termos, como a Psicologia e a Literatura. Sabendo disso, mencionando Taylor e Yates (2001), Nogueira afirma sobre a proposta dos autores na categorização da temática em quatro concepções distintas: sociolinguística, análise conversacional, Psicologia Discursiva e a Análise Crítica do Discurso.

De maneira resumida, almejando objetividade e clareza, a sociolinguística tem foco na variação da linguagem conforme contextos sociais. Ou seja, através do estudo da variação da linguagem em uso, buscam descobrir as razões das variações para, posteriormente, relacioná-las com situações sociais, contextos ou personagens distintos. Já no caso da análise conversacional, o foco é voltado para a atividade do uso da linguagem. Isso ocorre porque, segundo a autora, estuda-se a linguagem como um processo a partir da investigação do explícito e do implícito entre, pelo menos, duas partes. Por isso que o uso da linguagem é mais importante para essa ramificação do que a própria linguagem em si.

Já a terceira abordagem pode ter diferentes nomenclaturas, a depender do autor que o estudante se depara – repertórios interpretativos, Análise do Discurso na Psicologia Social ou Psicologia Discursiva –, e aborda os padrões linguísticos associados a tópicos específicos. Ou seja, interessa a esses analistas a identificação da associação dos padrões na linguagem com alguns temas abordados. Dito isso, essa abordagem é denominada de construtiva, uma vez

que cria aquilo que se refere, permitindo a introdução de diferentes significados e sendo específico a circunstâncias particulares. Pode ser entendida como uma abordagem que vê a linguagem como algo situacional, dentro de uma noção de contexto social e cultural e mais próxima da etnometodologia.

Para finalizar as abordagens de Análises do Discurso, a última, proposta por Taylor e Yates (2001), segundo Nogueira, é a Análise Crítica do Discurso, já mencionada no corpo deste texto. Essa, em específico, também conhecida como Análise Foucaultiana, procura padrões de linguagem em contextos mais amplos, associando-os a questões da sociedade. Para além do que já foi mencionado, nessa abordagem, inspirada no estruturalismo e no pós-estruturalismo, os Discursos constroem e constituem as entidades e relações sociais. Ainda, o Discurso possui um efeito de decisão no modo como o mundo social é configurado, uma vez que as práticas discursivas são sociais, geradas a partir de relações de poder concretas, em épocas determinadas. No mais, a Análise Crítica do Discurso se preocupa com as questões da identidade, *selfhood*, mudança pessoal e social e relações de poder, além de compreender que os Discursos são meios fluidos em transformação, sendo os significados criados, mas também contestados. Por fim, nessa abordagem específica, pode-se perceber mais claramente a imersão direta do próprio analista na sua pesquisa, não se encontrando “de fora” das lutas e constrangimentos.

Em suma, a Análise do Discurso, em suas diversas formas e abordagens, revela-se como um campo de pesquisa bastante dinâmico e multifacetado, cuja investigação gira em torno das maneiras pelas quais a linguagem molda e é moldada pelas práticas sociais e culturais. Isso posto, os próximos passos da autora na obra em questão são uma espécie de manual com explicações minuciosas, com o intuito de esclarecer o leitor sobre como levar a produção de uma Análise do Discurso para as vias de fato.

Começando o próximo tópico com a pergunta “Como conduzir uma pesquisa de Análise do Discurso?”, Nogueira propõe um passo a passo para o leitor interessado. Segundo a autora, para a condução de uma pesquisa de Análise do Discurso, é crucial que o pesquisador consiga distinguir essa metodologia das abordagens psicológicas convencionais. Isso porque, ao contrário das abordagens positivistas que buscam estabelecer verdades através da testagem de hipóteses, a Análise do Discurso reconhece a natureza provisória das suas conclusões, contextualizadas em situações específicas. Dito isso, o material de

análise é transformado em dados somente após decisões teóricas sobre abordagens discursivas e epistemológicas, em que o processo de seleção de amostras não vai visar à representatividade, contudo à identificação de sujeitos típicos que compartilhem características essenciais ao estudo.

Digno de nota, para se conduzir uma pesquisa que tem como foco a Análise do Discurso, a professora reforça que esse processo é intrinsecamente qualitativo e interativo, não seguindo uma estrutura rígida. Porém, pode ser guiado por critérios flexíveis, uma vez que a análise envolve revisitar os dados várias vezes, procurando padrões sem garantias pré-definidas e mantendo-se aberto às múltiplas possibilidades interpretativas. No mais, é válido pontuar que a transcrição e a interpretação dos textos requerem uma postura reflexiva, considerando não apenas o conteúdo explícito, mas também as ausências significativas, uma vez que não se trabalha com a neutralidade, em favor de uma abordagem consciente dos vieses e valores dos pesquisadores. Para isso, a ética da pesquisa deve ser rigorosamente observada em termos de anonimato e consentimento. Por fim, a apresentação dos resultados deve refletir claramente o posicionamento teórico e reflexivo dos pesquisadores, reconhecendo suas limitações e responsabilidades éticas.

Destarte, para tornar os seus ensinamentos sobre Análise do Discurso mais empíricos, a professora Nogueira exemplifica utilizando a sua tese de doutorado, defendida em 1997, que possui o título “Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: perspectiva feminista crítica na Psicologia Social”. Nela, a Análise do Discurso foi escolhida para examinar como mulheres em posições de poder lidam com a subjetividade feminina imposta pelo senso comum e pela ideologia dominante. Para isso, foram realizadas entrevistas aprofundadas com dezoito mulheres em cargos de liderança, escolhidas de maneira estratégica, a fim de maximizar a variabilidade discursiva. O material de análise derivou dessas entrevistas e tinha como objetivo compreender se as mulheres internalizam ou resistem às normas estabelecidas e se suas autoapresentações podem promover mudanças ou servir de modelos para outras mulheres.

Focando em três temas principais: trajetórias pessoais e profissionais; a relação entre vida privada e pública; e percepções sobre liderança, durante a análise foram identificados Discursos que revelavam diferentes formas de experimentar a vida profissional e pessoal. Dito isso, a partir da empregabilidade da Análise do Discurso nesse estudo, a autora pôde identificar um Discurso

denominado por ela de “Discurso Regulador”, que mostrou que muitas mulheres negavam sentir discriminação e acabavam por reproduzir ideologias dominantes, assumindo um papel de “supermulheres”, que equilibravam a vida profissional e pessoal com muito esforço. Portanto esse Discurso pode ser visto como problemático nos estudos de gênero, uma vez que tende a perpetuar a ideologia dominante, limitando a possibilidade de mudanças sociais significativas e a redefinição das categorias de gênero, uma vez que não questiona a ordem social vigente, enfatizando competências individuais.

Assim, após o passo-a-passo de como realizar uma Análise do Discurso e a explicação de maneira empírica a partir de uma experiência profissional própria, Nogueira finaliza, na sua última parte, falando um pouco sobre as consequências ético/políticas da Análise do Discurso. Segundo a autora, enquanto Doutora em Psicologia Social, essa teoria/método trouxe três principais contribuições para o campo da Psicologia: a incorporação do trabalho de Foucault, que permitiu uma descrição crítica da disciplina; a atenção às descrições psicológicas e suas suposições, que desafiam o conceito de verdade; e a introdução da reflexividade, permitindo uma avaliação crítica e pública dos processos e recursos interpretativos da disciplina. Porém pode-se perceber que, apesar de a autora ter mencionado especificamente o campo da Psicologia, esses ensinamentos são facilmente expandidos para as diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais também.

Transformando as perspectivas metodológicas positivistas, a Análise do Discurso, bem como suas abordagens mencionadas anteriormente, promovem estratégias de resistência e mudança social, demonstrando como a linguagem mantém relações desiguais de poder e sugerindo maneiras de alterá-las positivamente. Isso posto, a autora afirma que, embora não existam critérios definidos para preferir uma interpretação discursiva sobre outra, a escolha de uma interpretação pode ser baseada em seu potencial transformador da ordem social, e avaliar os efeitos de um discurso é uma responsabilidade ético-política que exige um compromisso crítico com a ordem social dominante. Nesses termos, evitam-se discussões metodológicas que possam mascarar relações de poder e garantir a manutenção da ordem social estabelecida.

Concluindo, após a leitura da obra da professora Nogueira, pode-se afirmar que, de maneira concisa e didática, a autora preparou um manual de como aplicar a Análise do Discurso de maneira efetiva na sua pesquisa. Com

---

uma divisão precisa que objetiva explicar os contextos teóricos que aclaram a emergência da Análise do Discurso enquanto uma teoria/método, para depois trazer o leitor para a prática, utilizando sua experiência doutoral para tornar o ensinamento empírico, a proposta de Nogueira se consagra enquanto essencial para pesquisadores que buscam utilizar essa ferramenta na elaboração das suas pesquisas.

#### REFERÊNCIAS

- BURR, V. *An introduction to Social Constructionism*. London: Routledge, 1995.
- FOUCAULT, M. *The archaeology of knowledge*. London: Tavistock, 1972.
- FOUCAULT, M. *The History of sexuality*. London: Allen Lane, 1979.
- LOMBART, M. Discurso, orden social y relaciones de poder: una propuesta y su ejemplificación en el discurso sobre la maternidade. *Revista de Psicología Social Aplicada*, v. 5, n. 1/2, p. 165–184, 1995.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Viseu: Gradiva, 1989.
- NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. (ed.). *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação*. Braga: CEEP, 2001.
- NOGUEIRA, C. *Um novo olhar sobre as relações sociais de género: perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social e das Organizações) – Universidade do Minho, 1997.
- TAYLOR, S. Evaluating and applying Discourse Analytic research. In: WETHELLELL, M.; TAYLOR, S.; YATES, J. S. (ed.). *Discourse as data*. London: Sage Publications, 2001. p. 311–330.